



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COLEGIADO DE PEDAGOGIA

PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CICERO BATISTA DA SILVA

ENTRE ESCUTAR E APRENDER OUVIR:
DESAFIOS NA TRAJETORIA DE VIDA EM FORMAÇÃO
DE UMA PESSOA COM DEFICIENCIA AUDITIVA

Marabá-PA

2011

CICERO BTISTA DA SILVA

ENTRE ESCUTAR E APRENDER OUVIR:
DESAFIOS NA TRAJETORIA DE VIDA EM FORMAÇÃO
DE UMA PESSOA COM DEFICIENCIA AUDITIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Pedagogia, Campus Universitário de Marabá, Universidade Federal do Pará, orientado pelo professor Evandro Medeiro em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campo.

Marabá-PA

2011

CICERO BATISTA DA SILVA

ENTRE ESCUTAR E APRENDER OUVIR:
DESAFIOS NA TRAJETORIA DE VIDA EM FORMAÇÃO
DE UMA PESSOA COM DEFICIENCIA AUDITIVA

Aprovada em: _____

11/10/ 20011

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof^o Mcs Evandro Costa de Medeiros

Prof^a Hildete Pereira dos Anjos

Prof^a Luciana Barbosa de Melo

DEDICATÓRIA

Em memória de minha madrinha Ester Batista de Moraes que sempre me elogiava com muito carinho.

Ao meu sobrinho, Fernando Gabriel, pelo tempo que dedica em me ouvir.

À minha mãe, Sebastiana Batista da Silva, que sempre batalhou pelos estudos dos filhos.

Ao meu pai, Pedro Sebastião Batista da Silva, que, embora não saiba ler, conseguiu colocar todos os filhos na escola.

Aos meus irmãos, pela a força que me deram em meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e pela sua natureza e o ar que eu respiro a cada momento.

Agradeço a minha mãe Sebastiana Batista da Silva e meu pai Pedro Sebastião da Silva por serem meus primeiros educadores e de me afirmarem sempre que a contribuição para minha formação era possível.

Agradeço a todos os educadores que contribuíram com minha formação e, em especial, ao meu orientador Evandro Medeiros, que muito se importou com a minha formação.

Aos meus colegas de turma, em especial o meu amigo Raimundo Nonato Ferreira e Tiago dos Reis, inclusive quando me fizeram ações de solidariedade contribuindo para que juntos pudéssemos chegar ao final deste curso.

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso trata da história de vida e formação de uma pessoa com necessidades especiais, o próprio autor. Tem como objetivo sistematizar reflexões sobre os principais desafios de sua trajetória de vida: na família, na comunidade e na escola em seus diferentes níveis de ensino. O trabalho também aborda as diferenças entre deficiência e doença, esclarecendo que as doenças necessitam de acompanhamento médico, o que não necessariamente ocorre com as deficiências, esta precisa de atenção sócio-educativas especiais. Nesse sentido, o pesquisador infere que a sua dificuldade auditiva não é uma doença. Aborda também os desafios de ser deficiente auditivo nas salas de aula entre os ditos alunos normais, experiência vivida durante toda a sua trajetória escolar, desde o ensino fundamental até a universidade. Tais situações são refletidas como “negatividade” na qualidade do aprendizado dele, principalmente por não entender na sua totalidade a fala do professor e dos colegas de sala de aula. A partir da observação sobre suas memórias em relação ao comportamento dos professores e dos companheiros de sala de aula, o pesquisador faz uma reflexão sobre o preconceito das pessoas a sua volta em relação à sua condição de deficiente. A reflexão se estende à compreensão das situações de auto-preconceito por parte do próprio deficiente, nesse contexto, se discute a importância do tratamento respeitoso entre as pessoas, independente das diferenças existentes, algo necessário tanto para as pessoas ditas “normais”, quanto para as pessoas com deficiência. Ainda mostra a necessidade das instituições escolares estejam preparadas tanto estruturalmente, quanto com profissionais qualificados e sensíveis, para perceber, receber e atender as pessoas com necessidades especiais dando conta de suas demandas de aprendizagens.

Palavra chave: Deficiência Auditiva, Educação Especial e História de vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1º CAPÍTULO	
REFLETINDO SOBRE DEFICIÊNCIA AUDITIVA	13
1.1 - Origem das Deficiências Auditivas.....	13
1.2- A dificuldade auditiva pode ser uma deficiência?.....	15
1.3- Tipos de deficiência auditiva.....	17
1.4- Minha deficiência auditiva não é doença.....	18
2º CAPÍTULO	
VIVER COMO DE FICIENTE AUDITIVO	
NA FAMÍLIA E NA SOCIEDADE	21
2.1- Do Pré-conceito e Auto- Preconceito.....	21
3º CAPÍTULO	
EDUCAÇÃO DE DEFICIENTES AUDITIVOS	27
3.1- Da vida na escola a escola da vida.....	27
3.2- Educação especial.....	28
4º CAPÍTULO	
DEFICIENTE AUDITIVO EM “ESCOLA NORMAL”: NOTAS SOBRE	
A EDUCAÇÃO BÁSICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	32
4.1- Desafios na escola nas séries do ensino fundamental	32
4.2- Trajetória no ensino médio	34
4.3- Vida universitária: experiências e dificuldade	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

Os Sustos e as Risadas

Na última noite do festejo da comunidade católica de São Domingo do Araguaia, no ano de 2010, estacionei meu carrinho ambulante carregado de bebidas em um dos corredores da praça, de preferência onde o movimento de pessoas estava mais intenso.

Uma hora depois, a banda “Cavaleiros do Forró” iniciou sua apresentação chamando a atenção da galera, quando já era quase a meia noite uma garota de cor negra, juntamente com duas amigas depararam comigo, por causa da bebida e me pediu uma garrafa de ICE. Rápido mergulhei minhas mãos na caixa de isopor e entreguei a ela uma garrafa de água.

Bem pertinho de minha orelha ela gritou: “- Eu quero é ICE!”. Eu me espantei e gritei bem forte “Ai!” Como se estivesse sentindo uma dor, ela também se espantou.

Em seguida suas duas amigas começaram a ri, não sei o porquê, quase elas não paravam mais de tantas risadas com aquele simples acontecimento.

(Cícero Batista Silva)

Introdução

Meu nome é Cícero Batista da Silva, nasci no dia 10 de janeiro de 1982, na zona rural do município de Araguaína no estado do Tocantins, sou filho do agricultor Pedro Sebastião da Silva e Sebastiana Batista da Silva, ambos originários do estado do Maranhão.

Em maio de 1982, com seis meses de nascido com meus pais e meus 11 irmãos migramos para o estado do Pará, e ocupamos, uma área de terra no assentamento vale formoso, que esta localizada a 80 km do município de São Geraldo do Araguaia.

Nosso maior desafio em termos migrado para a região é por estarmos abandonados dos projetos governamentais e assim ficamos por muitos tempos jogados para a miséria, sem educação, estradas, assistência médica, no período do processo de migração algo que marcou, foi o fato de meu pai quase ter morrido de malária e de ter falecido minhas duas irmãs, por causa da precariedade de saúde no município e região.

Iniciei os meus estudos com nove anos de idade na zona urbana juntamente com meus quatro irmãos, no município de São Geraldo, por dois motivos. Primeiro, no assentamento da qual morávamos não tinha o ensino fundamental maior, que era o estudo que meus irmãos mais velho freqüentavam e o ensino fundamental menor se desenvolvia de forma precária, desde as questões pedagógica e estruturais, ausência de profissionais qualificados - o professor que atuava tinha a 4ª série do ensino fundamental - , falta de materiais didáticos, ausência de merenda escolar, carteiras entre outras necessidades.

Na época meu pai alugava casa na rua para nos manter na escola, e nos fornecia alimentação todos os meses. Meus irmãos mais velhos, com a perspectiva de colaborar com o fornecimento de alimentação aprenderam a vender pão na rua todos os dias, eu também tive esse interesse, mais tinha três problema era pequeno de mais, ainda não sabia passar troco, muito das vezes não escutava as pessoas chamando-me para comprar pães, por esta razão o dono da padaria me demitiu com apenas uma semana de trabalho.

Referindo sobre a escolaridade de meus irmãos/as quatro tem o ensino fundamental completo, pararam de estudar por não ter mesmo interesse em dar continuidade aos estudos, três concluíram o ensino médio técnico-profissionalizante (radiologia, bioquímica e enfermagem), não fizeram o ensino superior por falta de condições financeiras, dois concluíram o ensino superior, um formada em filosofia e outra em assistência social e recursos humanos.

Referindo a minha profissão, a qual nunca deixei de exercer, é a de lavrador atuando na pecuária, são mais de 16 anos de experiência. Mas trabalhei também durante três anos sendo ajudante de pedreiro, no ano de 2000 a 2004, em construções particulares sem carteira assinada, quando ainda era estudante do ensino médio.

Estou me formando em no curso de graduação de Pedagogia do Campo, o que para mim este curso no meu processo educativo tem sido bastante relevante para melhor me integrar dentro da sociedade, inclusive a camponesa, onde sou vinculado com suas culturas desde minha infância.

A partir de este curso objetivo participar em lutas juntos com pequenos agricultores, em busca de uma comunidade com melhores condições de vida.

Este trabalho de conclusão de curso foi construído a partir dos meus interesses em conhecer melhor o assunto no que diz respeito às pessoas com deficiência. Esse interesse ganhou força principalmente porque sou deficiente auditivo e pela afinidade que me despertou esta temática quando estudei a disciplina de Fundamentos Teóricos- Metodológicos da Educação Especial.

O maior interesse em construir esta pesquisa foi estudar a minha própria história de vida e formação, no propósito de entender até que ponto a minha deficiência auditiva contribuiu ou atrapalhou no meu processo de formação, tanto na escola quanto na sociedade em geral.

Utilizei minha história de vida como principal instrumento de pesquisa, referenciando meu estudo nas propostas de estudos e pesquisas de outros autores que discorrem sobre este assunto. Os principais autores que utilizei para fundamentar a pesquisa foram: Perlin e Strobel (2006), que discute a educação de surdo no Brasil; Mar

Redondo e Carvalho (2000), que fala sobre deficiência auditiva, integração escolar e educação especial; Libâneo (2009) que debate as práticas pedagógicas das escolas; Diniz (2007), que nos ajuda na discussão sobre o que é deficiência; Lemos e Ismério (2010), que dialoga a respeito da interação do aluno surdo no ambiente escolar, familiar e de sua comunidade; Chaveiro e Barbosa (2004), que fala da importância da LIBRA como fator importante na descrição do surdo referente à sua saúde.

O trabalho está organizado em quatro capítulos, em que cada texto mescla a narrativa de passagens de minha história de vida com problematizações e reflexões a luz das idéias que trago das leituras dos autores a que me referi acima.

O primeiro capítulo trata de um contexto em que minha mãe foi percebendo minha perda de audição, inclusive nos momentos em que ela precisava de minha contribuição nas tarefas domésticas. Também discorre, sobre os diversos fatores que contribuem para a ocorrência da origem da deficiência auditiva. Ainda relata que a deficiência auditiva é uma dificuldade de compreender certas palavras ou mesmo não escutar totalmente sons diversos, também explica que a deficiência auditiva não é uma doença, não havendo, portanto, a necessidade do sujeito estar sempre se consultando ao médico.

O segundo capítulo discute sobre a vida como deficiente auditivo, relatando sobre o preconceito e o auto-preconceito, lembrando as consequências das relações entre a pessoa surda e seus familiares e amigos quando estes não aprenderam lidar com a situação. Ressalta a minha integração no ambiente familiar e no ambiente escolar trazendo a reflexão com os autores que explicitam o despreparo dos professores em perceber que os educados com deficiência necessitam de uma atenção especial.

No terceiro capítulo é abordada a educação de deficientes auditivos, trazendo as lições de vida aprendidas dentro e fora do espaço escolar e como as experiências da vida vem contribuindo com a escola. Também discute sobre a educação especial e suas especificidades na formação dos sujeitos com deficiência.

O quarto capítulo versa sobre a situação dos deficientes auditivos nas “escolas normais”, trazendo os principais desafios dos sujeitos com deficiência estudando em escolas organizada tendo como referencia as pessoas ditas normais. Apresenta-se nesse momento o relato sobre os meus principais desafios enquanto estudante nas séries

iniciais do ensino fundamental, no ensino médio e na universidade, destacando os principais fatores que atrapalharam meu processo formativo por ser uma pessoa com perda auditiva.

1° CAPITULO

No ventre da minha mãe

*Como posso saber minha história
Enquanto estava no ventre materno
Esta parte ainda não está registrada
Preciso resgatar ainda esta memória.*

*Um resultado alcançado e posso falar de mim
Sou deficiente auditivo de perda suave
Isto não fora acidente nem doença ou bactérias
Mas necessidade de orientação medica.*

*Enquanto me constituía no ventre da minha mãe
Foi acontecendo essa perda que me deixou especial
Agora sou diferente, alguém me chama anormal.
Minha luta a cada dia é pra mostrar que sou igual.*

*No trabalho, sinto fome, sede estresse e preconceito
Eu entendo tudo isso e sei que não há defeito
Porque os outros também sentem embora sendo normal
Isso me leva a pensar no meu auto-preconceito.*

(Cícero)

1º - CAPÍTULO: REFLETINDO SOBRE DEFICIÊNCIA AUDITIVA

1.1 - Origem das Deficiências Auditivas

Desde os primeiros anos de minha infância minha mãe percebeu que eu tinha certa dificuldade para ouvir o que ela falava. Consigo lembrar algumas vezes em que ela ficava me observando enquanto eu brincava nos arredores da nossa casa. Eu brincava em diferentes lugares do quintal da nossa residência, às vezes passava a maior parte do dia longe de minha mãe, envolvido com as brincadeiras que eu tinha preferência, como casinhas de barro cavalinho do caule de bananeira e outros brinquedos que me possibilitava uma *brincadeira individual*.

Pensando em brincadeiras individual isto não se dava por causa de minha deficiência, mas por pensar em uma competição artística juntamente com outra criança ou por pensar em uma propriedade particular e individual.

Mas alguns dos casos me restringir de brincadeiras secretas como a do cai no poço devido a minha dificuldade de comunicação. Minha mãe, embora muito ocupada com os trabalhos de casa, não se esquecia de observar onde eu estava e o que eu estava fazendo. Algumas vezes ela me chamava pelo nome, mas eu não conseguia ouvi-la, somente depois que ela chegava mais perto eu conseguia perceber que ela estava me chamando. Dessa forma, ela começava a esclarecer minha dificuldade em ouvir.

Lembro também, que muitas vezes minha mãe me pedia algum favor, como para que eu pudesse ir buscar o sabão que esquecera na fonte e outros favores, mas o tempo passava e eu não ia, quando ela me perguntava se já tinha ido buscar o objeto-sabão- eu respondia que não tinha ouvido ela me pedir nenhum favor.

Certa vez, aconteceu um fato que me marcou muito. Estávamos eu e minha mãe em casa, quando percebi a ausência do meu pai, então perguntei a minha mãe: “- Onde está o meu pai?” Ela me respondeu com um tom estressado: “- Meu filho, você tem mesmo problema de audição?! Não está ouvindo ele foi trabalhar no quintal?!”

O tempo passava, eu ia crescendo fisicamente, mas também, mesmo com dificuldades, avançava minha capacidade de comunicar com as pessoas do círculo familiar ou comunidade. Embora fosse ficando adulto e a habilidade de comunicação

fosse se desenvolvendo, fui percebendo que existia algo (a deficiência auditiva) que dificultava o meu bom desempenho na comunicação com os outros, principalmente na distinção das falas das pessoas com quem tentava me comunicar.

Somente no ano de 2007, quando já cursava a segunda etapa do Curso Pedagogia do Campo, aos meus 25 anos de idade, é que pela primeira vez na vida que cheguei a me consultar com um especialista otorrino, dono de uma clinica particular em Belém do Pará. Lembro-me, que durante dois dias fui examinado pelo Dr. Moacir, que me interrogou desde quando percebia essa situação de dificuldades de audição. Eu respondi que desde criança tenho percebido que não consigo ouvir igual como as pessoas que estão ao meu redor.

As causas da perda das capacidades auditivas (**origem das deficiências auditivas**) são diversas, sendo que algumas delas a partir de diagnósticos médicos podem ser identificadas e até amenizadas com ajuda de aparelhos auditivos.

A compreensão das formas de manifestação das deficiências auditivas nos indivíduos acontece de acordo com a observação das pessoas mais próximas. Embora não seja fácil compreender as causas, a pesquisa médica aponta para alguns fatores responsáveis por a origem dessa deficiência, como,

(...) a ocorrência de gestações parte com histórico complicado, bem como a manifestação de doenças maternas no período próximo o nascimento da criança, podem inviabilizar a identificação, desta causa. Por isso mesmo, em cerca de 50 por cento dos casos a origem da deficiência auditiva é atribuída a “causas desconhecidas” quando se consegue descobrir a causa, o mais freqüente é que ela se deva a doenças hereditárias, rubéola materna e meningite, Redondo e Carvalho, p.08, 2000).

De acordo com a pesquisa médica que se referem à autora, as maiores partes das causas que podem levar a deficiência auditiva estão relacionadas ao período de gestação ou a infância do ser humano. No meu caso ainda não sei qual foi à causa que levou a minha dificuldade auditiva, mas já nasci com este problema.

Durante a minha visita ao consultório o médico fez outras perguntas relacionadas à minha capacidade auditiva em seguida colocou em meus ouvidos um aparelho, que tinha a função de observar as possíveis alterações localizadas na parte interna.

No dia seguinte, quando retornei ao médico, eu estava muito ansioso, para saber o resultado do diagnóstico e o que poderia ser feito para solucionar um problema que tanto me incomoda. O médico disse que no meu ouvido não tinha nenhuma infecção, nem sujeira, e que eu precisava usar aparelho auditivo. Além do aparelho que ele me receitou, não teria outro recurso que poderia auxiliar na melhoria da audição.

O médico tirou uma dúvida que eu tinha desde criança sobre uma suspeita que minha mãe pensava, pois segundo ela minha deficiência auditiva seria pelo fato de eu ter caído em uma banheira com água quando ainda bebê, tal que alguns dias depois apresentei com mau cheiro nos ouvidos, consequência dessa água que entrou e apodreceu.

O médico afirmou que água no ouvido não causa surdez, dessa forma, conclui que a origem da minha deficiência auditiva seria um fato ocorrido no período da gestação. Por mais que seguisse ainda a suspeita de ter sido por causa do acidente com a água, principalmente pelo fato do médico e da minha mãe não encontrar outro acontecimento que explique a origem dessa deficiência.

1.2- A dificuldade auditiva pode ser uma deficiência?

Pensando na minha dificuldade em ouvir considero que a perda auditiva tem se tornado para mim obstáculos a serem superados no meu desenvolvimento como pessoa e na comunicação com os outros. Embora Percebo minhas dificuldades na busca de informações e na transmissão das mesmas, na interação e contato com as pessoas, etc.

Considero a perda auditiva como uma deficiência que me traz problemas que se colocam como obstáculos na comunicação, pelo fato de ter percebido minhas limitações de expressar certas palavras como, por exemplo, notebook e outras de origem estrangeira, os sons chegam como se estivessem incompletos, daí assim passo a pronunciar a palavra pela metade e, ao perceber que ela será considerada como pronuncia incorreta, às vezes busco outra palavra para substituí-la na comunicação com outras pessoas, evitando pronunciá-la.

Diante deste contexto compreendo que minha lesão minha deficiência não esta em minha pessoa, mais sim na carência da oferta de um ensino que por sua vez não

disponibilizam a linguagem de sinais,ou outros meio de comunicação que visam na melhoria do bom desempenho social dos sujeitos surdos,ou de outros com situações similares. **Diniz (2007);**

“Assim, as alternativas para romper com o ciclo da segregação e opressão não deveriam ser buscada nos recursos biomédicos, mas especialmente na ação política capaz de denunciar a ideologia que oprimia os deficientes” (p.19).

Referindo-me a este relato sinto o quanto recai a minha situação quando compreendo que a atora afirma que para romper com o ciclo da opressão ao deficiente é necessário uma ação política que nos solucione melhores condições de nos usufruir do que é social.

Por esta razão compreendo que minha dificuldade na escuta precisou de um acompanhamento psicológico dentro das salas de aula,sinto isto principalmente quando sou corrigido por alguém ao pronunciar ou escrever as palavras de forma diferentes, como, por exemplo, a palavra correta é computador e eu sem perceber pronuncio ou escrevo “camputador”, tenho dificuldades de diferenciar os sons “com” de “cam”.

Lembro que, em Belém do Pará, quase deixei um senhor bastante atrapalhado enquanto me acomodava em um banco a espera de uma consulta médica. Tal senhor queria saber o significado de uma sala em que as pessoas entravam e saia, eu informei a ele que era uma sala de consulta, ele não entendia e voltava a me perguntar, carinhosamente respondia “de cansulta”, demoramos, mas no final ele compreendeu que eu estava falando: “sala de consulta”.

Minha irmã me observava de longe e alguns minutos depois ela me corrigiu, falando que a palavra certa era consulta e não “cansulta”. Segundo ela foi pela pronuncia errada o motivo que o senhor não estava entendendo minhas respostas.

Pensando neste relato que demonstram minha dificuldade na escrita e pronúncia, considero a perda auditiva como uma deficiência, que esta não em minha pessoa, mas na política que tão pouco tem preocupado em da condições sociais favorável para melhor entrar em comunicação com outras pessoas.

1.3- Tipos de deficiência auditiva

Existem diferentes tipos de deficiências auditivas, sendo que cada uma delas tem o seu grau de perda da capacidade auditiva. Segundo Redondo e Carvalho, (2000) “Há pessoas que escutam muito pouco, sendo incapazes de ouvir um avião passando, outros conseguem ouvir a voz humana, mas não chegam a discriminar o que está sendo dito (p.10)”.

Ao me referir aos diferentes tipos de deficiência auditiva é necessário ressaltar que existem diferentes formas de avaliação audiológica, que visam avaliar a capacidade auditiva do paciente. Redondo e Carvalho (2000), afirmam que a capacidade auditiva é feita através de exames e utilização de aparelhos adequados. Esses testes permitem avaliar a perda da audição por via auditiva: as respostas são dadas em decibéis (medidas de som, cujo símbolo é dB), observe a tabela a baixo.

Condição da Audição	Limiares Tonais
Audição normal	0 a 15 dB
Deficiência auditiva suave	16 a 25 dB
Deficiência auditiva leve	26 a 40 dB
Deficiência auditiva moderada	41 a 55 dB
Deficiência auditiva moderada severa	56 a 70 dB
Deficiência auditiva severa	71 a 90 dB
Deficiência auditiva profunda acima de	91 dB

Fonte: Martinez (2000).

Uma criança pode passar pelo o exame audiométrico, este exame tem o objetivo de avaliar a audição dos diferentes tipos de sons baixos ou altos é aparte dele que pode identificar se o sujeito é considerado deficiente auditivo de perda leve a moderada, ou completamente surdo. Para as pessoas de deficiência leve e moderada não há a necessidade de leituras de sinais (Libras) como instrumento de comunicação e também prática educativa a ser adotada para seu bom desempenho escolar.

No meu caso, a capacidade auditiva não chega a atrapalhar o entendimento das palavras que são pronunciadas em tons de voz alta e bem pronunciadas, as palavras que não consigo entender são as que eu não consigo ouvir totalmente, ou por serem pronunciadas distante, ou em ambientes fechados em que a reverberação dos sons me deixa totalmente confuso, não conseguindo entender as falas, como por exemplo, em salas forradas de janelas de vidros, como as salas de escritório e outras. Estas falas expressadas nestes ambientes parecem ter um som em duplicidade (tipo eco), chegando à minha audição deformada, dificultando a minha distinção do que está sendo dito.

Se por um lado, a leitura de sinais ajuda aos surdos na inserção social, a situação descrita acima coloca um problema pouco tratado em relação às pessoas com deficiência auditiva leve e/ou moderada, que se trata da adequação das salas de aula e trabalho com acústica apropriada para ajudá-las a manter a qualidade de comunicação com as outras pessoas.

1.4- Minha deficiência auditiva não é doença.

Vivendo com a deficiência auditiva, considero uma clara diferença entre doença e deficiência, por não haver a necessidade,de estar constantemente precisando do médico ou de remédios para garantir minha sobrevivência Diniz (2007);

A deficiência visual não significa isolamento ou sofrimento, pois não a sentença biológica de fracasso por alguém não enxergar.o que existe são contexto sociais pouco sensíveis á compreensão da diversidade corporal como diferente estilo de vida (p.8).

Este relato exemplifica minha situação, principalmente quando a atora ver a deficiência visual como algo não de isolamento sofrimento ou de fracasso.O mesmo a firmo e

compara com a minha perda auditiva, inclusive quando confesso que não a necessidade de esta sempre ao medico para garante a sobrevivência.

Olhando para as diversas diferenças de capacidade dos indivíduos para o exercício de certas atividades, proponho afirmar que deficiência não é doença, pois os indivíduos, que vivem com a deficiência não estão sofrendo uma enfermidade que os incapacite totalmente para vida, o trabalho, a escola e a relação com as pessoas e a sociedade, mas ao contrário, sofrem com os preconceitos das pessoas e da sociedade ao serem desconsiderados em suas peculiaridades e capacidades próprias.

Foi no Curso de Pedagogia do Campo que senti que algumas pessoas, no inicio, aparentemente me achavam diferente, como se eu fosse alguém incapacitado de aprender as coisas, um “doente”. Inclusive quando elas cruzavam um longo dialogo por cima de mim, trocando noticias, informações e demonstrando atitudes afirmativas ao se comunicar, eu sentia minha auto-estima desabar, por mais que tentasse superar.

A questão é que em minha percepção eles pareciam me considerar um boneco de barro ou de lata, que não sentia, observava ou pensava, só por ser um pouco tímido Segundo REDONDO & CARVALHO (2000);

Muitas vezes os pais, professores e outros adultos tem atitudes inadequadas em relação a criança com perda auditiva ignorando suas reais limitações. Por exemplo: com frequência tratam a pessoa com deficiência auditiva como se ela fosse incapaz de compreender. Ao conversar viram o rosto para outro interlocutor, de modo que a criança não perceba o que esta sendo falado alem de ser uma falta de respeito diminui o auto estima da criança (p.27).

Minha história se encontra com esta passagem relatada pelas as autoras autora. Quando se trata da desconsideração (ou invisibilização) do sujeito deficiente, isto se torna algo grave no contexto de processos de escolarização, principalmente quando então de cursos de formação de educadores, como no caso em que explico que amigos do curso de pedagogia que estabeleciam diálogos entre eles e com outras pessoas “desviando a conversa” de minha pessoa.

Isto é tão forte como quando a autora justifica que á mãe que vira o rosto somente para o interlocutor, desconsiderando o filho como pessoa. Para além de me apoiar na fala da autora, é vivendo a deficiência que afirmo que isto destrói a auto-estima da pessoa deficiente.

Vivendo e experimentando minha deficiência venho propor por meio deste trabalho que as pessoas, em especial as novas e futuras gerações, reflitam sobre o fato de que deficiência não é ferida, não é doença e nem dor que inviabilize a existência social do sujeito deficiente por si e que o maior sofrimento deste grupo minoritário dar-se-á por causa do preconceito daqueles que muitas vezes estão para elas como amigos, parentes e colegas de estudo e trabalho.

Assim, é preciso que atuemos para superar a negação do ingresso da pessoa com deficiência no mercado de trabalho, no acesso a educação formal, ao exercício de cidadania e, principalmente, ao bom convívio com as pessoas de maneira geral, numa relação de respeito e humanamente emancipatória (não opressora).

CAPITULO 2

A palavra

*Onde podemos chegar sem entendermos o outro
Sem a ajuda humana tudo fica complicado
Se pessoas se escondem, o respeito ainda é pouco
Recompensa é a palavra para o esforço dedicado.*

*Porque fica bem mais fácil para se ignorar
Difícil é entender o esforço aplicado
Precisamos toda força para não desanimar
Liberdade é a palavra que expressa nosso recado.*

*Somos homens e mulheres, lutando por igualdade
Com a força que a inda resta e nossa limitação
Se for preciso lutar por nossa dignidade
Coragem é a palavra que nos dá a proteção.*

(Cícero)

CAPITULO 2 : VIVER COMO DE FICIENTE AUDITIVO NA FAMILIA E NA SOCIEDADE

2.1 Do Pré-conceito e Auto- Preconceito

Descobri minha deficiência auditiva aos sete anos de idade, em meio à década de oitenta. Vivendo na zona rural de município de São Geraldo do Araguaia, Sudeste do Pará. Ao relatar sobre minha deficiência e convivência em família e comunidade (sociedade envolvente) consigo perceber claramente que ao longo dos anos tenho enfrentado grandes desafios pelo fato de muitas pessoas não terem sido orientadas, (“alfabetizadas culturalmente”) para saberem lidar com o deficiente auditivo.

No que diz respeito, às pessoas com deficiência mesmo entre os profissionais da educação, muitas vezes, não há propostas que provoquem os sujeitos da comunidade escolar a pensar sobre isto. Caminhei por treze anos nos percursos da escolarização como alguém deficiente auditivo e não era percebida pelos professores. Percebi depois, já na universidade e em meio aos estudos e críticas sobre a educação, que as escolas estão mais preocupadas com o ensino das disciplinas (matemática, história, geografia, língua portuguesa, etc), considerando o aprendizado de conteúdos científicos a principal prática para o exercício da cidadania.

Mesmo as disciplinas que discutem valores humanos e relações sociais (como a disciplina de religião estudada na minha época como aluno de educação básica), não discutem como os sujeitos devem lidar com as pessoas com deficiências. Nem professores e nem aluno são “alfabetizadas culturalmente” para respeitarem essa situação.

Por essa razão, em minha infância e adolescência em várias circunstâncias, a minha convivência familiar não me foi favorável em virtude dos muitos lamentos, críticas e reclamações a mim dirigidos. Como por exemplo, em relação a os lamentos sobre meu desempenho nos trabalhos cotidianos em casa e no campo. Tal acontecimento se dava principalmente devido aparentar sempre “estar um pouco meio distante” no que diz respeito à conversa com as pessoas e a realização das atividades.

Se me perguntassem alguma informação, não entedia, pois não escutava plenamente e não havia como responder, por este fato as pessoas que conviviam comigo reclamavam: _ Será porque ele nasceu com este problema? Neste sentido, gostaria que as pessoas fossem alfabetizadas com a perspectiva de saber contribuir com meu desenvolvimento social. Podemos afirmar que nos casos onde os familiares de pessoas deficiência foram parceiros no processo de escolarização, o desenvolvimento dos estudantes foi mais significativo. Como exemplo, desses acontecimentos, podemos citar a um comentário no site Crônica da Surdez (2011) sobre deficiência auditiva, que explica como sua família colaborou com o seu desenvolvimento social:

Quando falo de terapia em família, digo que todos devem participar juntos, inclusive meu pai e meu irmão participaram para me incentivar! É graças à dedicação da minha família que hoje falo português, inglês, alemão e italiano. Quanto ao estudo de outros idiomas, a minha mãe era minha colega de sala, aprendíamos juntas e ela me ensinava como falar alguns sons que não existem no português (p.21).

Minha realidade de vida escolar não teve um acompanhamento como eu gostaria que fosse, principalmente porque meu pai e minha mãe não tiveram a oportunidade de acesso a escola e não sabiam a ler. Ao perceberam minha dificuldade escolar eles não sabiam o que fazer, eles não sabiam o que era um acompanhamento, psicológico, ou aulas de reforço.

Eu detestava quando alguns dos meus irmãos me traziam notícias e comentários de amigas ou amigos que tinham percebido minha dificuldade auditiva. Na minha visão estas notícias que me passavam tinham como objetivo por parte dos meus irmãos somente provocar-me constrangimentos. No que diz respeito, às reclamações sobre meu jeito de “estar um pouco meio distante”, se alguém falava comigo, eu não ouvia, então outra pessoa que estava próxima a mim reclamava falando: _ Tu não está escutando ele falar contigo?

Alguns acontecimentos me causaram traumas e me ajudara a reconhecer meu “auto-preconceito”, particularmente ao tentar me integrar em instituições sociais. Como por exemplo: dentro da escola, e principalmente em sala de aula, quando alguns educadores me faziam perguntas a respeito dos conteúdos abordados, pois tinha medo de não ouvir direito e não entender o que o educador perguntou, e até correr o risco de ser constrangido pelo próprio professor ou colegas de sala de aula.

Quando os outros estudantes que tinham boa audição perguntavam mais de uma vez sobre o que o professor havia dito, este respondia pejorativamente perguntando para o aluno: _ Você é surdo? Por esse motivo diminuía ainda mais a minha coragem de fazer outras perguntas para o professor.

Por causa de situações como esta na escola, eu sofri muito, mas aprendi sobre o desafio referente minha deficiência como obstáculo para vida em sociedade.

Na minha adolescência foi preconceito, quando a família juntamente com as outras pessoas de fora do círculo familiar comentavam sobre surdez, muitas vezes, quando a conversa era sobre situações de doença e comportamento de pessoas, meus familiares, em minha presença demonstravam para pessoas até desconhecidas que eu tinha problema de audição. Isto me desagradava e me causava medo que os sujeitos pudessem comentar sobre minha deficiência com outros, podendo como consequência criar mais tarde situações de exclusão da minha pessoa na comunidade.

Tinha este medo porque na década de noventa já aproximadamente com treze anos de idade percebi que na comunidade algumas pessoas não tinham a sensibilidade ou caráter para respeitar pessoas com a deficiência auditiva. As demais costumavam criticar as pessoas com deficiência auditiva, denominando por “moucos”, fragmentando a personalidade do deficiente, desconsiderando suas qualidades, possibilidades e virtudes como pessoa, destacando a sua deficiência como algo que o diminui e contribui para que se sinta um “anormal”, uma pessoa infeliz na sociedade.

Pessoas com deficiência não gosta de ser tratadas como se não tivesse um nome, ou seja, tratadas pelo nome da sua deficiência. Afinal todos têm um nome, seja deficiente ou não. No entanto, tem pessoas que tem hábito de tratar os deficientes de forma que exponha a deficiência do outro, como mostra o relato no site Crônico da Surdez (2011),

O sangue fervia!! Se eu estivesse numa situação em que meu interlocutor estivesse repetindo várias vezes alguma coisa e eu não entendesse, até agradeceria a ‘ajuda’, mas, da forma como era feito, era um **desrespeito tremendo** SIM. E o pior era que sempre me aprontavam essa quando eu estava atendendo algum moço super bonito! Olha a maldade! *Rsrrsrsrs!!* E a gente sente na hora se a energia é boa ou ruim, ou melhor dizendo, se a pessoa fez isso com **boa intenção** ou com a intenção de **menosprezar você** diante do outro. Não acho, de forma alguma, que alguém tenha o direito de **anunciar a minha deficiência** sem o meu consentimento – já comentei aqui no blog uma vez que penso isso inclusive por **questões de segurança** (p.11).

Penso que a principal intenção das pessoas que desrespeita os deficientes é principalmente mostrar que é melhor que os outros, então expor a deficiência de uma pessoa pode elevar sua alta estima diante de pessoas com o mesmo tipo de comportamento sem escrúpulo.

Nos anos dois mil, as pessoas de minha comunidade pareciam já ter construído um “pouco mais de respeito” com pessoas deficientes auditivas, mesmo assim não confessei a ninguém da comunidade o meu problema, as pessoas não compreenderam a causa do meu comportamento “cismado”, introspectivo e tímido.

Atualmente na convivência familiar já não tenho sentimento de constrangimento em relação minha deficiência. Com o passar do tempo aprendi a superar situações que antes me incomodavam. Naturalmente as pessoas do meu convívio familiar aprenderam conviver comigo, em muitos dos casos até utilizando uma linguagem dinâmica, como por exemplo, mímicas de modo que, mesmo distante posso compreender o que estão me comunicando. O mais importante é que, embora não tenho superado minha deficiência aprendi a conviver com ela de modo natural que não me machuque diante do comportamento dos outros e do meu auto-preconceito.

Quando me refiro a minha superação em relação à deficiência, é principalmente em relação à superação do meu preconceito. Esse processo deu-se pelo fato de ter crescido fisicamente e mentalmente de modo que pessoas do meu convívio aprenderam a respeitar a minha identidade de homem que raciocina, ao mesmo tempo pelo fato de cada vez mais vim mostrando minhas capacidades com o trabalho.

Ao descrever a concepção de minha família sobre minha deficiência, a qual, apesar de inicialmente não considerar minha deficiência como problema grave, sempre se preocupavam se a minha deficiência interferia negativamente no meu desempenho escolar. Portanto, costumavam me perguntar: Você entende tudo que o professor fala? Como não gostava de confessar minha deficiência, afirmava que sim.

Diante da situação, alimentavam o desejo de levar-me ao otorrinolaringologista . Porém, enfrentávamos a precariedade do acesso aos serviços de saúde, sobretudo para

esta especialidade, pois teríamos de viajar até a cidade de Belém, a capital do estado do Pará, distante aproximadamente 800 km de onde morávamos.

Mesmo com as dificuldades econômicas e a distancia, minha família conseguiu me levar para consulta com o especialista. Considerando a minha experiência de chegar até um otorrino, percebo na realidade de vida das populações do campo as dificuldades de acesso e atendimentos/serviços voltados para pessoas com deficiência auditiva e outras demandas similares.

A partir dos conhecimentos adquiridos no curso de Pedagogia do Campo, passei a perceber o quanto o Ministério da Saúde, Ministério da Educação e outras instituições, como escola e igrejas, desenvolverem campanhas como iniciativas que venham informar e melhorar o atendimento de pessoas com deficiência auditiva e outras deficiências, em especial as que vivem em comunidades pobres.

3º CAPITULO

Uma porta aberta

*Quando começo a pensar
Nos tempos antes de mim
Quem não podia escutar
Eu sei que era ruim.*

*Pessoas viviam isoladas
Às vezes até em asilos
Com certeza revoltadas
Distantes dos seus amigos.*

*Assim os deficientes sofriam tal rejeição
Porque não eram “normais” no meio da sociedade
Considerados um castigo, um pecado sem perdão
Só lhe restava rezar pedir pra Deus sua piedade.*

*Agora os deficientes começaram ganhar força
Começaram pouco a pouco entenderem seu valor
A sociedade, a escola pouco a pouco abre uma porta.
Só faltam todos agirem com mais respeito e amor.*

(Cícero)

3º CAPÍTULO: EDUCAÇÃO DE DEFICIENTES AUDITIVOS

3.1- Da vida na escola a escola da vida

Vivendo como deficiente auditivo, observei muitos obstáculos na comunicação entre as pessoas no ambiente escolar, inclusive pela ausência da oferta de ensino especial para favorecer pessoas que com capacidades iguais a minha, por outro lado, tenho observado que ainda nas duas últimas décadas, a exclusão de pessoas com deficiência auditiva ainda é muito presente.

Esta problemática vem sendo estudada com mais frequência nas últimas décadas, porém poucas medidas foram adotadas para solucionar tais problemas. Ainda é muito frequente a presença de pessoas surdas estudando em escolas de pessoas ouvintes sem condições sociais favoráveis a atender pessoas com dificuldade na escuta. Situação vivenciada por pessoas surdas que vivenciaram antes de mim, continua presente em nossos dias, embora já se tenha muitas salas de educação especial funcionando nas escolas públicas.

A educação de surdos sempre foi determinada por grupos dominantes que interferiram na luta pela cidadania dos surdos na qual tem contribuído, para a educação das mesmas. Tais conquistas tem sido de grande importância para a melhoria da educação de modo geral, porém muitas pessoas das classes populares ainda não têm acesso a uma educação especial de qualidade. Esta discussão tem se alargado a cada dia, em relação ao que foi antes das pesquisas realizadas a este respeito como afirma Perlin e Strobel (2006);

Antes de surgirem estas discussões sobre a educação, os sujeitos surdos eram rejeitados pela sociedade e posteriormente eram isolados nos asilos para que pudessem ser protegidos, pois não se acreditava que pudessem ter uma educação em função da sua “anormalidade”, ou seja aquela conduta marcada pela intolerância obscura na negatividade sobre os surdos, viam-nos como “normais” ou “doentes” (p..5).

No decorrer da história da educação as pessoas surdas sofreram por muito tempo sem direito a uma educação digna que lhe pudesse possibilitar igualdade na preparação para o mercado de trabalho e a convivência social com dignidade de vida, onde pudessem ser vistos como sujeitos de direitos e deveres na sociedade.

Todos os problemas decorrentes da carência de políticas públicas para atender a demanda de pessoas surdas ocasionaram na luta dos surdos pelo acesso a educação . Segundo Perlin e Strobel (2006), no ano de 1880 ocorreu um grande impacto na educação de pessoas surdos no congresso de Milão, que, no entanto foi patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintes de idéias oposta da metodologia da educação de surdos, e defensores do oralismo, como afirma:

Exemplo de países que resistiram à proibição de língua de sinais eram a Grã Bretanha e Estados Unidos e houveram sujeitos surdos representantes de povo surdo que queriam participar mas foram excluídos na votação e tiveram seus discursos negados (PERLIN E STROBEL 2006 p. 12).

A realização do congresso de Milão foi um grande impacto para os surdos devido a rápida mudança no sistema de ensino, tal que influenciou para que vários países tomassem as iniciativas de uma outra forma de ampliação da comunicação das pessoas surdas afirma Perlin & Strobel:

Após o congresso, as maiorias dos países adotaram rapidamente o método oral nas escolas para surdos proibindo oficialmente a língua de sinais e ali começou uma longa e sofrida batalha do povo surdo para defender o direito lingüístico cultural (2006, p. 12).

A discussão que teve início no final do século IX também contribui para o avanço da ampliação dos métodos de linguagem oral, incluindo a leitura labial e outros métodos que de acordo com Perlin & Strobel (2006) tais técnicas contribuem para o desenvolvimento da linguagem dos surdos e tal concepção de educação que utiliza esses métodos para facilitar a comunicação dos surdos enquadra-se no modelo clínico de, também esta visão afirma a importância da integração dos sujeitos surdos na comunidade.

3.2- Educação especial

A educação especial ao longo do tempo vem contribuindo em atender as necessidades das pessoas com surdez, instrumentalizando para atuar socialmente, utilizando todos os métodos de comunicação como:

a fala, escrita, pista auditiva: por meio de aparelho de amplificação sonora, leitura-oro-facial: leitura dos movimentos dos lábios e dos movimentos dos rostos; expressão corporal; sinais: movimento com as mãos representando idéias, usados por comunidades de surdos; alfabeto digital: movimentos com as mãos que representam as letras de nosso alfabeto (redondo e carvalho 2000 p.41).

Por mais que a educação ofereça todos os meios de comunicação aos surdos, vale afirmar o que nos diz carvalho e redondo (2000),” o surdo deve experimentar todas as modalidades de comunicação disponível escolhendo aquela que atenda melhor suas necessidades” (p.41).

Em relação a minha dificuldade na escuta não considero como fato tão grave, nesse caso para melhorar minha comunicação pretendo a utilização de aparelho auditivo, como o meu principal meio de compreensão da comunicação. No caso das pessoas que são completamente surdas, a utilização de aparelho não resolve a sua necessidade, assim o mais viável é a linguagem de sinal como o principal meio de comunicação. De acordo com chaveiro e Barbosa (2004):

A relação do sujeito com a língua é que vai produzir a diferença, portanto, o vínculo do surdo com a língua de sinais vai ser determinante, imperioso, essencial, única possibilidade de ele vir assumir uma posição que não se reduz á mera produção, que permita inferir, modificar, cria o novo (p.170).

Apesar de perceber minha dificuldade na escuta e reconhecer a importância da linguagem de sinais como defendida por Chaveiro e Barbosa (2004), eu nunca tentei a dominar a mesma devido a falta de orientação técnico-pedagógica adequada e ter estudado em escolas que não disponibilizaram esta cultura como método de ensino fundamental para a comunicação. Apesar de reconhecer o papel e a importância da educação especial sinto aparte de minha pessoa, que a tem muito que melhorar nas redes de escolas publicas quanto no campo como zona urbana .

Desenvolvendo a cultura lingüística do surdo como uma pratica de ensino que também deve faz parte do cotidiano tanto do surdo e ouvinte.

4° CAPITULO

A escola

*Criança alegre e amiga estou a te esperar
Portões, portas e janelas já estão entreabertos
Professores dizem, preciso trabalhar
Tudo é fácil na primeira fase escolar.*

*Foi fácil você conhecer as letras e os números
Só que durou pouco esta nova fase
Foi escravo de um modelo carrasco
Precisando correr atrás de amigos pela sua ajuda.*

*Amigos me escutem ele é humano
Ele é só uma criança
Ele vai esquecer com facilidade tudo que decorou
Tudo que engoliu, tudo que não gostou.*

(Cícero)

4º CAPÍTULO: DEFICIENTE AUDITIVO EM “ESCOLA NORMAL”: NOTAS SOBRE A EDUCAÇÃO BÁSICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES.

4.1- Desafios na escola nas séries do ensino fundamental

No ano de 1990, freqüentei pela primeira vez a escola, iniciando a alfabetização na escola “Raimundo Ferreira Lima” localizado na sede do município de São Geraldo do Araguaia-Pará, localizado a oitenta quilômetros do assentamento Vale Formoso, onde vivi por vinte e cinco anos.

Nos meus dois primeiros anos de estudo das séries iniciais não tive dificuldade em meu desempenho escolar, pois apenas copiava o que os educadores faziam, me esforçava para reconhecer as letras, números, fazer pinturas e outras atividades como, formar famílias silábicas, criar palavras e fazer meu próprio nome.

Nesta fase de vida escolar, sentia a responsabilidade do educador em contribuir para o bom desempenho de cada aluno.

No transcorrer de minha vida de estudos, a cada série percebia que os educadores confiavam na habilidade que os alunos adquiriam para ler e escrever. Nessa fase, a produção de texto na disciplina de Língua Portuguesa e outras atividades costumavam ser ditadas oralmente pelo professor. Tal situação interferiu de forma negativa no meu desempenho escolar por causa de minha deficiência, auditiva obrigando-me muitas vezes observar ao caderno do colega ao lado para copiar as palavras que não entendia.

Ao reportar-me sobre leitura oral que na visão dos educadores servia para melhorar a habilidade de escrever e corrigir erros ortográficos pretendo enfatizar, que para mim esta opção não ajudou em nada, apenas prejudicou meu desempenho escolar. E ainda hoje, tenho dúvidas ao escrever certas palavras, motivo pelo qual sugiro que os professores escrevam no quadro sempre que na sala estiverm pessoas com deficiência auditiva, pois vendo o texto facilita o processo de aprendizagem para aqueles que possuem este tipo de deficiência. Segundo Libâneo (2009) afirmam que:

Os professores mudarão sua maneira de ensinar à medida que vivenciarem novas maneiras de aprender por isso acho importante a formação continuada na própria escola. Esse é um trabalho conjunto, da escola em que os coordenadores pedagógicos tem um papel, crucial, todas as escolas precisa ter um coordenador pedagógico muito bem formado para poder ajudar o professor a pensar sua pratica, a estudar, tendo como objetivo de estudar tanto as ações que já realiza quanto a relação entre esses objetos de conhecimento (o ensino) e seus próprios processo de aprendizagens (p. 15).

Observando o relato compreendo que uma educação renovadora e ao mesmo tempo democrática sugere que a escola precisa de um bom acompanhamento pedagógico para orientar e ajudar os professores a compreenderem as diversas problemáticas que enfrentam na escola. Neste sentido o educador precisa está aberto às novas metodologias e uma formação continuada de qualidade.

Fui privilegiado em quase toda minha historia escolar de ensino fundamental, devido à companhia de meu irmão, Gabriel Batista, o qual estudou junto comigo durante seis anos, também os professores, dos primeiros anos contribuíram muito em reforçar meu desempenho escolar. Lembro que na ultima série do ensino fundamental fomos obrigado estudar separados isto resultou na minha reprovação naquele ano principalmente na disciplina de Língua Portuguesa.

Mediante esta problemática sinto que as escolas públicas não tem em sua grande maioria profissionais, capacitados de entender os maus desempenhos do aluno em seus baixos rendimentos escolar.

Caso o aluno apresente problemas auditivos ou cognitivos, ou outra deficiência, o educador ao fingir que não percebe, neste caso, a escola, não está sendo um espaço para acolher pessoas com tais deficiências, pois pouco contribui em seu desempenho escolar. Também a escola necessita motivar os alunos de forma a que todos tenham acesso a aprendizagem, afirma Redondo e Carvalho (2000).

Uma sugestão interessante de um trabalho desse tipo consiste em planejar um estudo do bairro. Os professores de matemática e de estudos sociais podem discutir e trabalhar juntos, organizando varias atividades relacionadas com o assunto, como localizar bairros, diferentes (em relação à escola ou residência) calcular distancias, enumerar locais comerciais, hospitais fabricas e etc. trata se de uma atividade que podem ser desenvolvida satisfatoriamente, tanto pelos alunos surdos quanto pelos ouvintes (p.38).

Nesses termos, percebe-se a indicação de uma escola com aulas contextualizadas compreendendo a real situação dos estudantes, onde se pode desenvolver as práticas interdisciplinares e ou multidisciplinares, como o principal método na contribuição do rendimento escolar de alunos surdos ou ouvintes, por este ensino ser desenvolvido por um processo metodológico, que segue um dinamismo onde o aluno não vai estar integrado somente aos conteúdos didáticos mais sobre toda a formação social por entender o que está a sua volta.

Posso concluir que, o principal colaborador para o bom desempenho do aluno com deficiência durante a vida escolar, não é somente o professor, mas também a família e amigos, assim a escola em geral e em especial o professor deve exigir a presença constante de um membro da família ou responsável para acompanhar pelo menos os resultados das avaliações nos bimestres e as principais reuniões escolares. De acordo com Redondo e Carvalho, (2000). “Ao primeiro índice de descompasso da criança surda em relação a média da classe o professor deve buscar forma de atenuar as dificuldades (indicar a procura de reforço escolar, orientação da psicóloga ou da coordenação, também da família do aluno)” (p.39).

4.2 - Trajetórias no ensino médio

Quanto a minha carreira estudantil no ensino médio, lembro que foi totalmente diferente do ensino fundamental. Os educadores se comportavam de modo diferente. Professores vindos de outras regiões com diferentes hábitos típicos. A forma como estes aplicavam suas aulas eram bem explicada e acelerada, as avaliações eram realizadas semanalmente e os seminários eram um após outro, dependendo das disciplinas.

Cada professor tinha o interesse de saber se realmente os alunos estavam entendendo a disciplina, caso estivesse alguém com dúvida estes educadores tinham o prazer de solucioná-las explicando com clareza.

Neste contexto, afirmo que a forma que os educadores colaboravam com o desempenho dos alunos era um exemplo de educação inclusiva em que estava adequada a colaborar com o rendimento escolar de cada aluno respeitando as nossas necessidades.

Para reforçar o meu comentário destacarei daqueles profissionais a professora de química cuja forma de nos orientar foi muito marcante por ser a mais apaixonada pelo seu trabalho, se colocando a disposição da turma que era possível ensinar até em sua própria casa, caso tivéssemos dúvidas em sua disciplina .

Foi estudando com estes educadores que descobri que minha deficiência não impedia o meu bom desempenho na escola e meu rendimento escolar dependia da estratégia metodológica de cada educador e interesse de ambos para o bom desempenho da turma.

Apesar de ter estudado com estes excelentes profissionais, poucas vezes tive notas conceituadas, porém com muito esforço conseguia superar nas avaliações seguintes. Os profissionais explicavam bem a disciplina, mas não tinham “pena” de aluno na hora da prova, dava a nota conforme seus rendimentos escolares.

No que se refere à minha dificuldade, não foi pelo fato de ter problema de audição, mas pelos conteúdos serem avançados, inclusive muitos alunos tiravam notas abaixo da minha.

Durante toda minha história escolar do ensino médio, a deficiência auditiva me prejudicava muito na disciplina de inglês, pois, não conseguia entender o som que o professor pronunciava as palavras. Nos exercícios e avaliações não tinha vantagens, meus amigos também tinham dificuldades, mas eu sentia mais que todos da turma. As avaliações eram desenvolvidas em grupo e com muito esforço alcançava a média.

Pensando na dificuldade que tive, juntamente com a maioria da turma, penso que se inglês, não fosse uma disciplina somente para cumprir as regras da LDB e viesse ser aplicada em sala de aula com uma forma pedagógica, dinâmica, criativa e especializada, a dificuldade auditiva não teria me impedido de ter bom domínio dessa disciplina.

4.3 - Vida universitária: experiências e dificuldade

Foi estudando no curso de Pedagogia do Campo, que descobri que não há “nada de normal” (adequado e coerente) na educação escolar que desconhece e destrata a situação de alunos com deficiência auditiva, principalmente quando percebe que as escolas comuns e regulares, não buscam identificar a situação de saúde do aluno que vai ingressar na escola.

Por esta razão, a escola sem perceber, acaba chocando alunos com necessidades especiais, porem é muito gratificante quando professores ou escola tendem a contribuir com o desempenho escolar do aluno que tem dificuldade na escuta. Redondo e Carvalho (2000)

Na proposta atual, mais inclusiva, a criança com surdez participar do sistema educacional, não está fora dele. É esperado que ela, bem como os professores e toda a escola, conte com dispositivos que auxiliem seu pleno desenvolvimento escolar sem sacrifício (p.35).

Quanto às dificuldades encontradas ao ingressar no ensino superior especificamente curso de Pedagogia, se deve ao fato de como as aulas foram ministradas. Por ser um curso bastante acelerado, embora longo, alguns educadores tinham explicações diretas, falavam rápido, como jornal em rádio e televisão. Além disso, alguns falavam baixo para a minha audição, nem sempre eu tinha oportunidade de sentar-me próximo ao educador, ou educadora, o que facilitaria na escuta para entender o que fossem expor durante a aula.

Na minha perspectiva, alcançaria melhor rendimento, caso cada educador, estivesse levando em consideração o cuidado aos deficientes auditivos, desenvolvendo as disciplinas utilizando uma linguagem, especializada, ou seja, pronunciando por uma forma mais lenta.

Lembro que me superava melhor quando estudávamos em pequeno grupo, lendo e refletindo sobre os textos e marcando parágrafo que não conseguia entender com a perspectiva de compreender após a orientação da educadora que passava em todos os grupos lembro que para mim isto era mais essencial a minha capacidade.

Ao longo do curso não gostava muito de um debate com todo o grupo, porque tinha dificuldades de captar muitas palavras ou muitas vezes só escutava a fala e não entendia o que realmente o sujeito comentou. Site crônica da surdez (2011),

Mesmo com os melhores aparelhos auditivos, mesmo sendo ninja em leitura labial... não consigo acompanhar conversas de um grupo grande. É humanamente impossível para mim, e é o tipo de situação que prefiro evitar. Sinto um prazer enorme em conversar calmamente com uma ou duas pessoas ao mesmo tempo, pois é um momento em que estou prestando atenção 100% nelas e elas em mim. Já em grupos grandes, acabo me tornando *aquela que não escuta* e, conseqüentemente, não capta nem 10% de tudo o que é dito. (p.17).

Este relato se relaciona comigo, inclusive quando a comentarista que também tem perda auditiva afirma ter dificuldade de acompanhar o dialogo de um grupo grande e que para seu melhor acompanhamento preferi uma conversa com uma ou duas pessoas.

Para me informar mais sobre os assuntos das aulas eu prestava atenção nos comentários que meus colegas falavam das aulas inclusive nos corredores da universidade, nos pontos de refeições, quitinete, quando as pessoas não comentavam sobre as aulas muitas das vezes eu tocava no assunto com a pessoa com quem estava conversando e esta me fazia um ótimo comentário sobre a aula do dia

Durante o curso, utilizava também a prática de leitura dos materiais didático, lendo com mais esforço mais adiantado que a turma, minha perspectiva era para na hora das aulas esta por dentro dos assuntos que os educadores iriam por em debate.

Para não depender da boa vontade dos professores, sempre lia as matérias antes deles darem para a classe, assim eu ficava sempre por dentro do assunto. A realidade é essa: os professores nunca vão parar a aula para nos explicar as matérias. Nós temos de fazer a nossa parte de alguma forma! A fonte está toda na biblioteca. (site Crônica da Surdez, 2011 p.11)

Pensando neste relato sinto que me relaciona inclusive quando a autora esclarece que lia os materiais antes dos educadores distribuírem para a turma, para na hora das aulas estar sempre por dentro do assunto. O mesmo eu fazia, lia adiantado da

turma nos finais de semana, para poder estar mais ligado e avançado no ambiente de pessoas de audição normal.

Mas nem sempre eu fazia isso inclusive, quando achava as aulas chatas ou os textos bastantes complicados para por em reflexão o assunto que o estava sendo transmitido. Quando assim preferia um domingo na praia, ou de esporte, ou assistir um filme de lutadores de boxe, sentia muito melhor para mim quanto pessoa era mais saúde.

Em se tratando do assunto que relatei anteriormente ainda neste capítulo sobre o trabalho em grupo sobre suas vantagens, também é importante ressaltar seus pontos negativo, eu achava muito ruim quando os educadores mandavam a turma formar grupo para seminário. Justamente porque ai tinha uma questão de afinidade ou de aposta ou confiança entre eles, por isto me intimidava nos momentos de formação de grupo.

No inicio do curso eu achava uma beleza o trabalho em grupo e sentia o meu bom desempenho social superando a cada momento, quando o arte educador Dan Baron subdividiu a turma em pequenos grupos com a esperança que as permanecessem juntos a ter o final do curso.

No entanto essa prática só permaneceu em suas oficinas, pois teve educadores que desrespeitaram a idéia e desmembraram os grupos que para mim quanto deficiente auditivo estava sendo relevante no meu processo de aprendizagem.

Assim, muitas vezes eu fiquei feito um pateta procurando grupo, ao longo do curso teve aluno que ignorou, eu fazer parte do grupo a qual ele estava envolvido para seminários, outros tiveram medo dos meus comentários em seminários, outros me excluíram apenas com os olhares. Tem uma sabedoria popular que diz, “o olho fala mais que a boca.”

Durante toda minha trajetória escolar estudei em escolas ditas “normais”, junto com pessoas que tinha audição perfeita e pessoas também com perdas auditivas e sempre os professore trataram de igual para igual todos os alunos embora percebessem que agente tinha problema de audição. Não chegava a se preocupar se estava indo bem no acompanhamento de sua disciplina. Site crônica da surdez (2011).

Antes de começar as aulas, eu pessoalmente ia falar com cada professor e explicava que eu era surda, que precisava de leitura labial, se ele poderia fazer a gentileza de falar olhando pra mim, enfim, explicava tudo. Agora, quantos daqueles professores já sabiam, de antemão, que eu era surda? Nenhum deles aparentou já estar sabendo de algo previamente. Ou seja, se eu não avisasse, ficaria por isso mesmo e fim. E a promessa da coordenação de avisar a todos os professores antecipadamente? Nada, né? Enfim... Mas voltando aos professores, todos eles, quando avisados da minha dificuldade, me respondiam: “Claro, pode deixar, vou prestar atenção a isso, fique tranquila...” Só que, na prática, mesmo sabendo que eu era surda, na correria da aula, muitos deles falavam mais rápido do que eu poderia ou conseguiria acompanhar. (p.6)

Pensando neste relato, percebo que ele tem haver com minha pessoa quando a comentarista confessa que embora seus educadores sabiam que ela era surda tão pouco se demonstrou saber e ou facilitou para que a pudessem acompanhar legalmente as suas aulas, a mesmo forma teve educadores que perceberam minha dificuldades e não se preocupou se estava conseguindo me achar em suas disciplinas.

Referindo-me a esta problemática percebo que nossas escolas comuns ditas “normais” para ser realmente normal precisam melhorar muito inclusive na qualidade profissional dos educadores que atuam dentro dela para que estes possam estar preparados a receber todos os tipos de pessoas com seus diferentes tipos de deficiências, ou além dos professores bem formados, a escola deve ter outros profissionais que visam colaborar no bom desempenho dos discente como por exemplo, os psicólogo e outros.

Atualmente percebo que todos os educadores devem colaborar com o desenvolvimento dos educandos, para isso é preciso estar bem atentos para a situação particular de cada estudante seja ele deficiente ou não. Vejo e sinto que estas concepções de ensino já se encontram no papel, mas na prática ainda falta acontecer por uma forma menos precária.

Considerações Finais

Escola é

... o lugar que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros,

Programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente.

Gente que trabalha que estuda.

Que alegre, se conhece se estima.

O Diretor é gente,

O coordenador é gente,

O professor é gente,

O aluno é gente,

Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor

Na medida em que cada um se comporte

Como colega, amigo, irmão.

Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”

Nada de conviver com as pessoas e depois,

Descobrir que não tem amizade a ninguém.

Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,

É também criar laços de amizade. É criar ambiente de camaradagem,

É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico...

Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,

Fazer amigos educar-se, ser feliz.

É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

(Paulo Freire)

Para não concluir: continuar ouvindo e aprender a escutar...

Este trabalho teve o objetivo de pesquisar minha história de vida e formação. No decorrer da auto-pesquisa e da leitura dos textos para fundamentação teórica foi possível perceber que a minha história de vida aqui apresentada revela meu sucesso e minhas desvantagens no desempenho social vivendo como deficiente auditivo, na família, na comunidade e na escola. Foi possível refletir sobre o preconceito das pessoas e o meu próprio preconceito em relação aos deficientes auditivos.

Para o desenvolvimento e elaboração deste trabalho, tive como foco principal marcos de minha história de vida em ambiente familiar, escolar, comunidade e campo universitário. A partir de meus relatos contextualizados, estudei autores que abriram caminho facilitando para a reflexão na intencionalidade deste trabalho a fim de que este possa contribuir para educandos educadores e a sociedade como um todo no sentido de melhor compreender a pessoa com deficiência a partir de sugestões de vida para as gerações futuras.

Como pesquisador de minha própria pessoa a partir de meus relatos de vida e leitura de texto de alguns autores, suponho que minha deficiência auditiva teve origem ainda na gestação, inclusive por ter nascido um criança saudável e por não ter sofrido acidentes tão graves.

Diante deste contexto de minha história de vida, venho propor as novas gerações que é necessário uma educação cultural, para além da escolarização tradicional, capaz de alfabetizar/orientar os sujeitos a pensar-viver novos modos de ser e conviver com a *diversidade* e *diferenças* existentes na sociedade, em especial no que diz respeito ao convívio e relação com os deficientes em geral e os auditivos, respeitando suas diferenças e incapacidades e que o respeito com estas pessoas deve ser necessário para possibilitar que suas potencialidades se afirmem.

Pensando sobre minha perda auditiva posso confessar que não é doença, inclusive por não haver a necessidade de sempre consultar o médico, mas entendo que o nosso maior sofrimento quanto deficiente surge por parte da sociedade, principalmente quando nos exclui desacreditando de nossas capacidades em qualquer atividade. E nos destrata em qualquer ambiente da comunidade onde estamos

vivenciando: como nos supermercados, nas avenidas, aglomerações, família, escolas, universidades, enfim em todos os lugares que as pessoas estão circulando.

Questionando sobre a superação da surdez, com perda auditiva não temos medicamento que nos livre dela, mas precisamos aprender a lidar com ela, utilizando meios de comunicação que facilitem a compreender o que os ouvintes estão aprendendo, discutindo, criticando ou exigindo.

É importante também lembrar que este processo de comunicação se dá por diferentes escolhas, muito das vezes dependendo da gravidade da surdez do sujeito, uns preferem a utilização de aparelho auditivo, outro leitura labial, outro língua de sinais,

Pensando neste contexto, ainda hoje percebemos que as nossas “escolas comuns” que muitos acham “normal” muitas vezes não se esforçam para respeitar a identidade dos sujeitos surdos e valorizar a sua cultura lingüística, nestas escolas o péssimo rendimento e desempenho destes alunos surdos continuam se expressando no fracasso.

Com este olhar pretendo afirmar, que a educação no que diz respeito ao saber lidar e conviver com pessoas surdas deve iniciar-se na escola com intuito de que as novas gerações cresçam sabendo respeitar estes sujeitos e ao mesmo tempo sendo solidários, ajudando o surdo a se superar em tais dificuldades. E que a escola em geral deve ser companheira dando prioridade para que os sujeitos surdos possam estar usufruindo de suas línguas e que a mesma deve ter a língua do surdo também como cultura e meio de comunicação.

O meu maior aprendizado durante a realização desse trabalho foi a compreensão das dificuldades de um deficiente auditivo em salas normais em que os professores não são orientados para o desenvolvimento dessa ação. Aprendi que a minha maior luta precisa ser para superar meu auto-preconceito, aceitando minha perda auditiva como fato normal.

BIBLIOGRAFIA

CRISTINA, Maria; MARTINS, Josefina. **Deficiência auditiva**. Brasília: MEC, secretaria da educação a distancia, 2000.

Crônica da Surdez. Disponível em: <http://cronicasdasurdez.com>. Acesso em: 20 de Agosto de 2011.

CHAVEIRO, Neuma; **BARBOSA**, Maria Alves; **A surdez o Surdo e Seu Discurso**. Revista Eletrônica de Enfermagem, V. 06, n.02, p. 166-171, 2004. Disponível em www.fen.ufg.br/revista/revista6_2/pdf/Orig3_surdez.pdf. Acesso em: 17 de julho de 2011.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Perspectivas de uma Pedagogia Emancipadora face às Transformações do Mundo Contemporâneo**. Revista Pensar a Prática, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/8/2613>. Acesso em: 20 de Agosto de 2011.

LEMOS, Marcia Gabriela; ISMERO, Clarisse . **Aceitação da surdez no sujeito surdo**. Congrega URCAMP, 2010. Alegrete- 24ª 26 de 2011.

PERLIN Glades; STROBEL Karin. **Fundamentos da Educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, mimeo, 2006. (monografia).